

BETTANY HUGHES

ISTAMBUL

A HISTÓRIA DE TRÊS CIDADES

Tradução
José Remelhe

CRÍTICA

Para a Jane e o Karl, que me amparam de corpo e alma.
Para o Robin Lane Fox, que me deu esperança.
E para aqueles que já não podem deambular pelas
ruas de Istambul.

Índice

ILUSTRAÇÕES E MAPAS	15
PRÓLOGO	21
NOTA SOBRE OS NOMES	27
INTRODUÇÃO	31
 PRIMEIRA PARTE – Bizâncio, cidade de Bizas (800 mil a. C.-311 d. C.).	 37
1. Ossos, pedras e lama	45
2. Cidade dos cegos	48
3. Cidade da luz	54
4. Fogo persa	58
5. Cidade de cerco	67
6. Vinho e bruxas	74
7. Todos os caminhos vão dar a Roma: a Via Egnácia	83
8. O inimigo interior	93
9. Perseguição	97
10. Os mansos herdarão a Terra	100
 SEGUNDA PARTE – Constantinopla, cidade de Deus (311-475)	 105
11. A batalha da Ponte Mílvia	113
12. Cidade de ouro	117
13. Em nome do sangue de Cristo	123
14. Rainha das cidades	127
15. Fé, esperança, caridade e o Credo Niceno	132
16. Helena	138
17. Nascimentos e mortes	143
18. Pagãos e pretendentes	147
19. O problema dos godos	154
20. Uma pomba da paz ou um punho de ferro: Teodósio	158
21. Batalhas no Paraíso e na Terra: Gaza e Alexandria	165
22. Partículas cristãs numa atmosfera pagã: Nova Roma	172
23. Estátuas no céu: ascetas	177

24. Sexo e a cidade: eunucos	181
25. A pilhagem à Roma Antiga: o problema dos godos, segunda parte . .	185
26. Vândalos, sabedoria e Átila, o <i>Huno</i>	189
TERCEIRA PARTE – A Nova Roma (476-565)	197
27. Cidade da Mãe de Deus.	203
28. A idade de ouro	209
29. Terramotos e incêndios.	218
30. A cidade fénix	223
31. Espetacular, espetacular	230
32. Lei e ordem	234
33. A cidade judaica	238
34. A cidade clássica	241
35. Tudo é frivolidade	245
QUARTA PARTE – O Desejo do Mundo (565-1050)	253
36. A viagem do bicho-da-seda.	261
37. Al-Qustantiniyya.	268
38. Uma espinha atravessada na garganta de Alá.	272
39. Monges de noite, leões de dia	279
40. Bizâncio e Britânia.	282
41. Ícones e iconoclasmo.	289
42. Inimigos-amigos <i>vikings</i> e o nascimento da Rússia.	295
43. Dentro das muralhas.	303
44. A Guarda Varegue	308
QUINTA PARTE – Cidade de guerra (1050-1320)	313
45. Um grande cisma?	321
46. 1071, 1081 e tudo isso	324
47. A cidade das Cruzadas	330
48. Monges negociadores e usurpadores homicidas	335
49. Perigo veneziano, reinos de cavalaria	340
SEXTA PARTE – Cidade de Alá (1320-1575)	
(calendário islâmico 720-983).	349
50. Yıldırım: o relâmpago	357
51. Este país não é para velhos	366
52. Cidade do crepúsculo	372
53. O lar da felicidade	376
54. Um Deus no Céu, um império na Terra.	383
55. Cidade renascentista	391
56. Um pomar de frutos variegados	397

57. Um diamante entre duas safiras	404
58. O milénio muçulmano	412
SÉTIMA PARTE – Cidade imperial (1550-1800)	
(calendário islâmico 957-1215)	419
59. Impérios da pólvora e personalidades pistoleiras: dragomanos e eunucos.	425
60. O sultanato de mulheres	430
61. Os janízaros	436
62. O Grande Cerco de Viena	441
63. O comércio de escravos brancos e a tuberculose	448
64. Caucasianas brancas	453
65. Sabão e varíola	458
66. Tulipas e têxteis	464
OITAVA PARTE – Cidade de revolta e oportunidade (1800)	
(calendário islâmico 1215) em diante	471
67. Oh, amor! Amor jovem!	477
68. Massacre.	481
69. Revolução.	486
70. A cidade do czar	493
71. Scutari	498
72. Tráfego num só sentido.	505
73. Um homem doente no roseiral.	510
74. Galípoli: o fim de um império.	516
75. A Maça Vermelha	531
76. A catástrofe	536
77. O último califa.	540
78. Futuros globais	544
Conclusão	552
Agradecimentos	555
Cronologia.	557
Apêndice: os outros impérios romanos	583
Notas	587
Bibliografia	641
Índice remissivo	691

Um diamante engastado entre duas safiras e
duas esmeraldas [...], a pedra preciosa do anel de
um vasto domínio que abarcava o mundo inteiro.

O Sonho de Osman, c. 1280 d. C.¹

Aqueles que nunca tinham visto Constantino-
pla fitaram a cidade, embasbacados, nunca tendo
imaginado que pudesse haver um sítio assim no
mundo.

GODOFREDO DE VILLEHARDOUIN,
Quarta Cruzada, 1204 d. C.²

Se tivesse uma única oportunidade de vislum-
brar o mundo, escolheria Istambul.

ALPHONSE DE LAMARTINE, poeta, escritor
e estadista 1790-1869 d. C.³

Oh, meu Deus! Que esta cidade prospere até
ao fim dos tempos.

SULTÃO MURAD IV, 1638 d. C.⁴

Ilustrações e mapas

Página

- 50 Cântaro da marina de Fenerbahçe (*Cortesia de Şevket Dönmez*)
- 61 Gravura de Pausânias, c. 1880 (*Alamy*)
- 63 *Cima*: a Coluna da Serpente, c. 1752 (*American School of Classical Studies at Athens, Gennadius Library*); *baixo*: ruínas da Coluna da Serpente (*Mary Evans*)
- 78 Moeda bizantina, c. século I d. C. (*Classical Numismatic Group Inc., www.cngcoins.com*)
- 90 Reconstituição do Milião (*Greek Strategos/Creative Commons*)
- 101 O medalhão de Arras (*Museu Britânico*)
- 114 Símbolos utilizados nos escudos das tribos do Norte da Europa, c. 300 d. C. (*coleção particular*)
- 140 Medalhão de bronze de Helena (*Alamy*)
- 141 Constantino coroado por Tique, século IV d. C. (*Museu Hermitage*)
- 151 Relevo ilustrativo da investidura de Ardashir II (*Alamy*)
- 161 Barcos da escavação do porto teodosiano (*cima: Instituto de Arqueologia Náutica; baixo: Universidade de Istambul*)
- 166 Peso de balança romana em bronze com a forma de um busto (*Museu Met*)
- 179 Relevo de um santo estilizado (*Alamy*)
- 204 Deusa do sol da Anatólia (*Getty*)
- 211 Mosaico da imperatriz Teodora (*Alamy*)
- 225 Xilogravura de Hagia Sofia (*Alamy*)
- 226 Reconstituição da Coluna de Justiniano (*Antoine Helbert*)
- 228 O distrito imperial de Constantinopla bizantina (*Cplakidas/Creative Commons*)
- 232 Díptico em marfim, 517 d. C. (*Alamy*)
- 265 Réplicas de moedas bizantinas de Xinjiang, China (*Museu Britânico*)
- 266 Gravura da estela nestoriana, 1887 (*Alamy*)
- 285 Moedas bizantinas em cobre de Rendlesham, Suffolk (*Suffolk County Council*)

- 301 *O Leão do Pireu (coleção particular)*
- 311 Mulher bizantina trespassa um guarda varegue com uma lança
(*Biblioteca Nacional de Espanha*)
- 344 Gravura do hipódromo e de monumentos cristãos de Constantinopla
(*Alamy*)
- 359 Mapa de Constantinopla do *Liber Insularum Archipelagi* (*Bridgeman*)
- 367 Canhão de Urban, do Museu Militar de Istambul (*Alamy*)
- 375 Genádio II e sultão Mehmed II (*Getty*)
- 378 Mapa do Palácio de Topkapı, da autoria de Antoine Ignace Melling
(*cortesia da biblioteca da University of St Andrews, rfx DR724.M4*)
- 386 A Sürre a viajar por Damasco, c. 1895 (*Universidade da Califórnia/HathiTrust*)
- 390 Cortejo fúnebre de Joaquim III, 1912 (*Alamy*)
- 392 Esboços para uma ponte sobre o Corno de Ouro, da autoria de Leonardo da Vinci (*RMN/Bibliothèque de l'Institut de France*)
- 399 Mulheres gregas, sírias e otomanas, gravura, 1581 (*Bibliothèque Nationale de France*)
- 406 Barcos nos canais de Istambul (*Alamy*)
- 410 Procissão de Solimão, o Legislador, pelo Atmeidan (*Museu Britânico*)
- 414 O Grande Cometa sobre Istambul (*Biblioteca do Museu do Palácio de Topkapı*)
- 439 Soldados janízaros (*Getty Images*)
- 451 O Mercado dos Escravos, Constantinopla da autoria de William Allan (*Getty*)
- 456 Postal fotográfico de «Zumiya, a Egípcia», c. 1870.
(*Greg French Early Photography*)
- 461 Moda da regência, 1805 (*Mary Evans/Alamy*)
- 465 Azulejos com representações de tulipas (*Alamy*)
- 468 Vista de Constantinopla, de Antoine Ignace Melling
(*cortesia da Biblioteca da Universidade de St Andrews*)
- 484 O Massacre de Quio, de Eugene Delacroix (*Getty*)
- 487 Mesquita de Nusretiye, c. 1900 (*Getty*)
- 489 Ponte Gálata, fim do século XIX (*Biblioteca do Congresso*)
- 491 Cima: Casas dos pescadores no Bósforo, de Edward Lear (*Bridgeman*);
baixo: daguerreótipo (*Biblioteca Nacional de França*)
- 495 Caricatura de Catarina, a Grande (*Royal Collection*)
- 502 Marinheiros da Royal Navy em cima da Ponte Gálata
(*Imperial War Museum*)
- 505 O futuro Eduardo VII perto do mar da Galileia (*Royal Collection*)
- 511 Submarinos nos estaleiros Taşkızak (*Smithsonian Museum*)
- 518 Cruzadores alemães Breslau e Goeben na baía, em Constantinopla,
c. 1915 (*Getty*)

- 523 Praia de Anzac, Galípoli, de Charles Snodgrass Ryan
(*Australian War Memorial*)
- 526 Órfãos de guerra abrigados numa mesquita (*SALT Research*)
- 528 Mustafá Kemal Atatürk, c. 1915 (*Alamy*)
- 530 Mapa do Acordo Sykes-Picot (*Arquivos Nacionais*)
- 533 Mapa da fome da Europa, 1918 (*Biblioteca do Congresso*)
- 537 Refugiados gregos a abandonar Istambul, 1922 (*Getty*)
- 542 A princesa de Berar (*Imperial War Museum*)
- 547 Um mestre a trabalhar na cúpula da Mesquita de Solimão
(*SALT Research, Ali Saim Ülgen Archive*)
- 550 Grafiti na montra de uma loja (*coleção da autora*)

Gravuras

EXTRATEXTO 1

Pegada neolítica das escavações de Yenikapı (*Museu Arqueológico de Istambul*)
Os pescadores de Constantinopla, *Codex Matritensis*, de João Escilitzes (*Alamy*)
Tondo com retrato de Sétimo Severo (*Bridgeman*)
Cristo retratado como o deus do sol Hélios (*Alamy*)
Constantinopla como Tique (*Museu Britânico*)
Iluminura que se diz ilustrar o corpo esfolado de Juliano, o Apóstata
(*Biblioteca Britânica*)
A Tabula Peutingeriana (*Bridgeman*)
Mosaico com retrato do imperador Justiniano (*Getty*)
Ilustração do interior de uma sinagoga em Constantinopla (*Alamy*)
O colar Desborough (*British Museum*)
Mosaicos do Grande Palácio (*Alamy*)

EXTRATEXTO 2

Fogo-greguês, *Codex Matritensis*, de João Escilitzes (*Bridgeman*)
Sudário de Carlos Magno (*Bridgeman*)
Painel comemorativo do fim do iconoclasmo em Constantinopla (*Bridgeman*)
Uma escola de filosofia em Constantinopla, *Codex Matritensis*, de João Escilitzes
(*Alamy*)
Cerro a Constantinopla de uma crónica de Jean Chartier (*Biblioteca Nacional
de França*)
«Escriba Sentado», de Giovanni Bellini (*Bridgeman*)
Iluminura de Istambul, de Matrakci Nasuh (*Alamy*)
Tropas otomanas erguem o cerco a Viena (*Getty*)
Ali Paxá retratado num jornal germânico (*V&A*)
Festim para a *valide* sultana, aguarela otomana (*Bridgeman*)
Cortejo do Grémio dos Pasteleiros e cortejo dos varredores de rua,
de Surname i-Vehbi (*Biblioteca do Museu do Palácio Topkapı*)

EXTRATEXTO 3

Visitantes ocidentais a Constantinopla (*Walters Art Museum*)

Hilye de Yahya Hilmi (*Sakıp Sabancı Museum*)

Vista panorâmica de Constantinopla, de Henry Aston Barker (*Alamy*)

O Banho Turco, de Jean-Auguste-Dominique Ingres (*Alamy*)

Mulheres numa carruagem de bois (*Gülhan Benli*)

Mesquita de Ortaköy (*Alamy*)

Batalhão de mergulhadores do Arsenal Naval Imperial (*Biblioteca do Congresso*)

Vendedores de rua *simit* (*Alamy*)

O Corno de Ouro (*National Geographic*)

As Muralhas de Teodósio na atual Istambul (*Alamy*)

Mapas

Conceção por Jamie Whyte

Página

38	Locais pré-históricos em redor do Bósforo, mar de Mármara e mar Negro
41	Primeiras colónias gregas em redor do Bósforo
43	A cidade clássica, c. século v a. C. a século III d. C.
81	A Via Egnácia
106	Constantinopla de Constantino c. 337
108	Constantinopla de Teodósio, c. 450
110	Tribos «bárbaras», c. 350-450
198	Idade de ouro de Constantinopla, c. 565
200	O Império Bizantino na sua máxima extensão
254	Rotas comerciais para Constantinopla, c. século VII a XI
256	Conflito com Constantinopla, c. século VII a XI
258	Constantinopla do século XI
314	As Cruzadas
316	O Império Bizantino, c. 1050 e 1204
318	Constantinopla depois das Cruzadas
350	Território otomano e bizantino na região oriental do Mediterrâneo, c. 1451
352	Istambul no século XVI
354	Expansão do Império Otomano, 1300-1683
420	Ataques e bloqueios, 1624-c. 1900
422	O Império Otomano, 1566-1923
473	Envolvimento otomano na Guerra da Crimeia
474	A Primeira Guerra Mundial
475	Expansão de Istambul, 1807-2000

Prólogo

632-718 d. C.
(10-100 no calendário islâmico)

Na verdade, conquistareis Constantinopla. Que formidável líder ele será, e que formidável exército aquele será!

Hádice tradicional declarando o desejo de conquistar
Constantinopla do profeta Maomé¹

O vento da morte os agarrou [...] . Os romanos estavam cercados, mas os árabes não estavam em melhor situação. De tal forma a fome os oprimia, que estavam a alimentar-se dos cadáveres, das fezes dos outros e da imundície. Foram obrigados ao autoexterminio para se poderem alimentar. À época, um módio de trigo valia dez dinares. Procuravam pequenos seixos e comiam-nos. Comiam detritos dos seus barcos.

Miguel, *o Sírio*, cerco de Constantinopla, 717 d. C.²

Não se sabe o nome do mensageiro, mas vivemos com as repercussões da sua mensagem.

O imperador bizantino Constantino II era um soberano de 25 anos, na sua capital, a cidade de Constantinopla, em pleno verão do século VII d. C.³ Chegaram notícias de que uma feroz força militar de árabes, muitos dos quais se autoapelidavam «muçulmanos» («aqueles que subjagam»⁴), com uma marinha recém-criada de cerca de duzentas embarcações, tinha atacado as ilhas de Chipre, Cós, Creta e Rodes. Constantino e a sua corte cristã sabiam que esses muçulmanos, que preconizavam uma religião que ainda não perfizera uma década, eram homens do deserto, homens tão pouco conhecedores do mar, que um famoso adágio árabe se lamuriava: «A flatulência do camelo é mais apazível do que as orações dos peixes.»⁵ Com a sua superioridade numérica e uma tradição marítima que remontava, pelo menos, à celebrada fundação da cidade por marinheiros da Grécia Continental mil e quatrocentos anos antes, Constantino zarpou da sua reluzente cidade com cúpulas douradas, rezando para que esta fosse uma humilhação ritual destinada aos seus adversários muçulmanos.

Porém, ao fim de apenas um dia de combate, Constantino seria o rebaixado, saltando borda fora, disfarçado de marinheiro comum e agachando-se no convés

de um barco qualquer, e fugir desesperadamente da chacina que ocorreu naqueles que são os atuais Chipre e Turquia.⁶ O número de baixas neste conflito entre árabes e bizantinos, ou muçulmanos e cristãos, foi tão elevado que correu de boca em boca que o mar ficou manchado pelo vermelho do sangue humano. As forças muçulmanas chamaram-lhe batalha dos Mastros; novos modelos de embarcações, os drómones e os quelândios (*shalandiyyāt*)⁷, obrigaram a combates frente a frente, enquanto os vasos de guerra bizantinos e árabes eram amarrados uns aos outros. Além disso, contra todas as probabilidades, os vencedores foram os seguidores de Maomé, o que se revelou desconcertante para a Constantinopla cristã.

Durante meio século, a cidade de Constantinopla, considerada a residência terrena de Deus, encontrar-se-ia cercada em termos físicos e psicológicos. Era uma cidade que acreditava ser protegida pela graça divina e que subsistiria invicta até ao fim dos tempos. Apenas um século antes, esta Nova Roma, a cidade mais abastada do mundo, fora a capital cristã de um império de dois milhões e meio de metros quadrados. O povo de Constantinopla tinha tanta fé na sua protetora, a Virgem Maria, que a Mãe de Deus seria designada de «comandante suprema» da cidade.

Depois de fugir da batalha, o imperador bizantino Constantino regressara, primeiro, a Constantinopla, mas acabara por se deslocar para a segurança da Sicília, deixando a sua cidade ao deus-dará. Os que foram abandonados no centro histórico da cidade, por cima do que outrora fora uma acrópole grega sobranceira ao mar de Mármara, ou espalhados pelos areais do Bósforo e do Corno de Ouro, não proporcionavam nada parecido com uma frente unida. Para alguns, a conquista árabe parecia uma certeza. Em poucos anos depois da morte do profeta Maomé, em 632 (ano 10/11 no calendário islâmico), os muçulmanos pareciam preparados para governar grande parte do mundo conhecido. Em 632, forças árabes tinham conquistado a Síria bizantina; em 636, um exército bizantino foi derrotado e forçado a bater em retirada em Jarmuque; em 640, a captura de Heliópolis permitira o avanço para o Egito bizantino; em 641, Alexandria caíra; em 642-643 Trípoli fora conquistada; e, agora, este avanço estimulava-os para norte. Se os acontecimentos seguissem o que parecia ser o seu rumo natural, Istambul tornar-se-ia a base dos califas quinze séculos antes.

Porém, logo após a batalha dos Mastros, houve um interregno. A recém-criada comunidade muçulmana viu-se enfraquecida por uma crise sucessória e conflitos destruidores, que acabaram por resultar, a partir de 661, no cisma que moldaria o mundo entre xiitas e sunitas, e que ainda hoje perdura.⁸ Em Constantinopla, a vida continuou, ainda que com alguma ansiedade. Muitos abandonaram a cidade, sem saber se esta seria capaz de os alimentar ou proteger. A dinastia imperial introduzira recentemente uma forma de castigo que implicava a mutilação (rinotomia), na qual os narizes dos imperadores caídos em desgraça eram cortados ao meio (bem como as línguas das respetivas consortes). A cobertura de nariz dourada passaria a ser uma característica do palácio imperial bizantino e dos locais de exílio. Nos territórios remotos, as populações bizantinas protegeram-se em povoações fortificadas, tais

como Monemvasia, no Peloponeso, ou, então, enterravam-se a si mesmos, as suas casas, as suas igrejas e os seus celeiros na pedra mole da Capadócia, na Ásia Menor. Inclusive, o imperador Constantino tentara mudar a capital para Siracusa, na Sicília.

Esta preocupação justificava-se: primeiro, em 667⁹, e novamente em 668 e 669, os árabes regressariam, conduzindo um exército até ao Portão Dourado de Constantinopla. Ainda a utilizar os barcos greco-romanos e os barqueiros greco-egípcios que tinham engajado depois da conquista da cidade portuária de Alexandria, em 642; amainando as velas na colónia de Calcedónia, a apenas mil metros de Constantinopla, através do estreito do Bósforo e com boa visibilidade para a cidade, os árabes muçulmanos provocaram e ameaçaram aqueles que estavam encurralados naquela que era o «Desejo do Mundo».¹⁰ Havia, agora, indiscutivelmente, uma nova potência marítima. Todas as primaveras, vindos de Cízico, na costa da Ásia Menor, os árabes atacavam. A única coisa que os conseguia conter era o fogo-greguês, a diabólica arma secreta de Constantinopla produzir a partir de uma conjugação de crude do Cáucaso, enxofre, alcatrão e cal viva, que tinham um efeito semelhante ao *napalm*; em conjunto com o poder de fogo de uma marinha de quinhentas embarcações, criada por Constantino durante a sua ausência na Sicília.¹¹ Análises recentes às fontes siríacas e muçulmanas sugerem que se deve encarar estas primeiras agressões árabes como maçadoras incursões e não como uma estratégia declarada e consistente de cerco.

Em 717, tudo isso mudaria.

Derrotados pelas muralhas de Constantinopla e pelas suas armas de tecnologia de ponta, mas nunca desviando as atenções do prémio, em 717 (ano 98-99 no calendário islâmico), os exércitos muçulmanos regressaram. Em 711, os árabes haviam assegurado uma base em Gibraltar, ponto de afluência de grande parte da Península Ibérica. Faixas do Médio Oriente, do Norte de África e do extremo da Europa pertenciam-lhes. Agora, chegara o momento de conquistar a cidade de Deus. Em 717, as forças sitiantes, lideradas pelo irmão de Solimão, um califa omíada, baseado na Síria, atacaram por mar e por terra. O controlo bizantino do Cáucaso e da Arménia já se esfumara. Uma frota muçulmana de 1800 homens apoiou um vasto exército. Os líderes de Constantinopla tiveram tanto medo, que todos os habitantes receberam instruções com a intenção de provar que dispunham de recursos para combater e de provisões suficientes para sobreviver um ano inteiro; aqueles que não cumpriram os padrões, foram expulsos. Nesse ano, a cidade plantou trigo nas frinchas entre as famosas muralhas.¹² Entretanto, encorajado por uma visão escatológica – de que um soberano com o nome de um profeta (Solimão é o equivalente árabe a Salomão) conquistaria a cidade –, o exército agressor constituído essencialmente por árabes e berberes, acumulou vastos recursos e armas, incluindo nafta, e construiu com materiais de qualidade inferior as suas próprias muralhas de cerco de lama à volta de Constantinopla, isolando os que estavam no interior dos seus aliados.

Porém, o plano árabe tinha um calcanhar de Aquiles: a sua frota não conseguia bloquear as vertentes da cidade viradas ao mar. Primeiro, aquele absurdo fogo-greguês – a sua utilização instruída desde as muralhas de Constantinopla pelo próprio imperador – e, depois, a conveniente deserção de vários egípcios coptas cristãos nos navios muçulmanos levou a que as provisões, os homens e o moral continuassem a escoar para a cidade sob o manto das trevas daquele mar negro como a noite. As correntes traiçoeiras do Bósforo armaram ciladas às embarcações de apoio muçulmanas que zarpavam do mar de Mármara. A destruição provocada pelos árabes nas regiões rurais circundantes deixara os invasores desprovidos de alimento; a fome, o medo e a doença eram uma constante nos seus acampamentos. Num inverno rigoroso, quando a terra estava coberta de neve, foram os sitiados e não os sitiados a valer-se de uma alimentação à base de animais de carga, havendo mesmo a possibilidade de terem recorrido ao canibalismo.¹³

Finalmente, na Assunção de Nossa Senhora, a 15 de agosto de 718, o comandante árabe ordenou a retirada. A vitória foi atribuída à protetora de Constantinopla, Maria, Mãe de Deus, cuja imagem fora levada num cortejo no interior das muralhas.¹⁴ Ao perceber que estavam em vantagem, os exaustos habitantes de Constantinopla realizaram uma última incursão para obrigar o inimigo a bater em retirada. Muitos muçulmanos morreram afogados, outros foram perseguidos por búlgaros. Os soldados sobreviventes regressaram a coxear para os territórios aliados e, em seguida, para casa.

Estes acontecimentos tornaram-se lendários antes de fazerem parte da História. As chacinas, o heroísmo e as fugas desesperadas dão origem a um tema recorrente na narrativa de Istambul, de que se trata de uma cidade com uma vida dupla, enquanto lugar real e cenário histórico.

As cantigas dos cercos de Constantinopla e batalhas no mar seriam entoadas à volta de fogueiras de ambos os lados do conflito durante gerações. Cronistas medievais e fontes posteriores adornaram as narrativas. Dizia-se que o imperador bizantino Leão III afundara a frota muçulmana ao tocar no Bósforo com a sua cruz. Muitos declararam que Constantino adejara uma cruz enquanto os seus soldados entoavam salmos, e que o comandante muçulmano Moávia ostentara um crescente enquanto os seus homens, em baixo, recitavam o Alcorão em árabe. Os memorialistas ignoraram o facto de os dois exércitos provavelmente falarem grego, de os soldados e os civis conseguirem compreender-se perfeitamente, ao mesmo tempo que gritavam insultos e ameaças e murmuravam as suas orações.

Em lares cristãos e muçulmanos, 717 tornou-se um episódio de história épica e de vitória adiada. Mais tarde, os otomanos fariam peregrinações às mesquitas e aos santuários que acreditavam terem sido fundados na cidade durante a época do cerco.¹⁵ Muita literatura árabe declarou que os muçulmanos tinham, na verdade, sido vitoriosos, e procurado um posterior e completo domínio de Constantinopla e respetivos territórios no fim dos dias.¹⁶ Diz-se que o comandante árabe Yazid I escalara as teimosamente resilientes muralhas de Constantinopla antes do cerco

de 674, ficando, então, conhecido por *fata al-‘arab*, «o jovem paladino dos árabes»; que militares árabes haviam entrado na cidade e enforcado um imperador bizantino na Hagia Sofia como forma de vingança pela chacina de muçulmanos. No Ocidente, as histórias das tribulações de Constantinopla, na realidade, ainda são cantadas. Na obra *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, a batalha dos Campos de Pelennor, um combate pela cidade de Minas Tirith por via terrestre e marítima¹⁷, inspira-se nestes ataques. E todos os anos, a 15 de agosto, pessoas do mundo cristão continuam a agradecer à Virgem Maria pelos milagrosos poderes de proteção. O facto de Constantinopla não ter caído aumentou o fascínio pela cidade. Na mente de muitos, a urbe assumiu proporções fantásticas.

Juntamente com os relatos de vitória, somos resolutamente informados por fontes bizantinas de que, em meados da época dos cercos de Constantinopla, os árabes ocuparam Rodas, destruindo e, depois, vendendo a um mercador judeu uma das maravilhas do mundo antigo, o Colosso (que alguns afirmaram ter sido derrubado na sequência de um terramoto em 228 a. C., e outros que fora restaurado por vários imperadores romanos, ou, na verdade, atirado ao mar). Este colosso da Antiguidade foi então arrastado por novecentos camelos (três mil, de acordo com alguns cronistas mais emotivos) para ser vendido como sucata. Este evento em particular, ainda que entusiasticamente relatado em vários textos medievais e em muitas histórias modernas respeitáveis, não consta de fontes árabes. Talvez seja uma negação envergonhada, ou, quem sabe, esta «história» não passe de uma fábula com todos os tropos característicos do vandalismo e do espírito filisteu que seriam de esperar de judeus e «sarracenos», apimentada com um pingo de ansiedade escatológica.¹⁸

A memória cultural, a esperança da História, tem, muitas vezes, o mesmo poder do facto histórico.

Isto é Istambul personificada. Um lugar onde fábulas e histórias entram em conflito e crepitam; uma cidade que acolhe ideias e informação para tecer o seu próprio memorial. Um prémio com o mesmo significado de uma abstracção, de um sonho ou de uma realidade. Uma cidade que, há muito, sustenta uma tradição intemporal tão antiga como o nascimento do pensamento contemporâneo, onde narrativas do passado são instigadas e nos revelam quem somos no presente. Em termos históricos irrefutáveis, os fracassos árabes assinalaram deveras uma mudança de ambição. Agora, a pretensão não era «cortar a cabeça» do Império Bizantino, mas um foco nos territórios a toda a volta: Oriente, Sul, Sudoeste. O resultado foram setecentos anos de uma existência paralela incómoda entre os novos monoteístas, a qual presenciou colaboração e conflitos. Porém, ninguém esqueceu que «a espinha atravessada na garganta de Alá» não fora retirada.

Para homens de muitos credos e para o Oriente e o Ocidente em igual medida, Istambul não é apenas uma cidade, mas uma metáfora e uma ideia, uma possibilidade que descreve onde queremos que a nossa imaginação nos leve e a nossa alma perdure. Uma cidade que encoraja a viagem de abstrações e exércitos, deuses e mercadorias, coração e corpo, mente e espírito.